

A DISCREPÂNCIA ENTRE LINGUAGEM FORMAL E LINGUAGEM INFORMAL NO APRENDIZADO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Ciro Carlos Antunes¹
Bruno Gomes Barbosa²
Geralda Lília Justiniano Gomes³

RESUMO: Este presente trabalho vem reiterar a dificuldade dos alunos de escola pública em saber diferenciar o que é linguagem formal do que seja linguagem informal, para eles não é preciso entender essa diferença. A reflexão foi voltada para os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Unaí. Uma das principais conjecturas desta investigação parte do pressuposto de que nesta fase os alunos estão em final de ciclo e ao ingressar no Ensino Médio precisa ter uma carga mais abrangente do seu léxico e de seus conhecimentos cognitivos voltados para a área de linguagens e códigos. Assim, estão começando uma nova jornada em suas vidas, sendo levados a produzir textos dissertativos com qualidade e usar linguagem da norma padrão. Contudo, percebe-se que eles não se preocupam com a escrita e muito menos com sua norma padrão, no decorrer da pesquisa notou-se que um fator que julga bastante esse déficit na linguagem é o uso contínuo do celular onde eles se relacionam nas redes sociais. Logo, procurou-se identificar prováveis motivações em saber a distinção entre linguagem formal ou informal por meio de produção textual levando em conta os critérios semântico, sintático e morfológico, bem como verificar se existe regularidade na ocorrência desse fenômeno linguístico. Estima-se, assim, desempenhar a escola para uma reflexão que mostre competência em seu papel de transformar uma sociedade capaz de saber diferenciar o que é certo ou errado na língua do português brasileiro (PB).

Palavras-chave: Norma padrão. Linguagem formal. Linguagem informal.

ABSTRACT: This present work reiterates the difficulty of public school students have in knowing how to differentiate what is formal language from what is informal language, for they do not have to understand this difference and not even use it. The reflection was directed to the students of the 9th grade of Elementary School of a public school in Unaí. One of the main conjectures of this research is the assumption that at this stage students are at the end of cycle and high school and need to have a more comprehensive load of their lexicon and their cognitive knowledge focused on the area of languages and codes. Thus they are beginning a new journey in their

¹ Professor de Educação Superior: Prática de Formação / Estágio Supervisionado – Universidade Estadual de Montes Claros. E-mail: c.alburquerque@bol.com.br.

² Acadêmico do curso de Letras – Português, Universidade Estadual de Montes Claros – Campus Unaí – MG.

³ Acadêmico do curso de Letras – Português, Universidade Estadual de Montes Claros – Campus Unaí – MG.

lives, being led to produce more mature texts, more cognitively coherent and a language closer to the standard norm. However, it is noticed that they do not care about writing, much less with their standard norm, in the course of the research it was noticed that a factor that judges enough this deficit in the language, is the continuous use of the cellular where they are related in the social networks. Therefore, it was possible to identify probable motivations in knowing the distinction between formal or informal language through textual production taking into account the semantic, syntactic and morphological criteria, as well as to verify if there is regularity in the occurrence of this linguistic phenomenon. It is therefore estimated that the school will play a reflection that shows competence in its role of transforming a society capable of knowing what is right or wrong in the PB language.

Keywords: Standard pattern. Formal language. Informal language.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo é estabelecer a diferença entre linguagem formal e linguagem informal dentro da sala de aula, justificando que o problema maior de tudo isso é que se passa despercebido diante os olhos dos alunos, um bom começo para ser trabalhado é através de produção textual, leitura e alguns gêneros textuais (GT), por exemplo: tirinhas e revistas, saber e apontar as principais marcas da linguagem presentes nos textos, verificando se está de acordo com a norma padrão e com seus critérios linguísticos, ao verificar se o GT está em uso corrente do Português Padrão (PP) ou em uma das suas variações linguísticas.

O interesse e motivação desta temática se procedeu da experiência vivida durante o estágio de observação, ocorrido no 4º período do curso de licenciatura em Letras/Português, que se pode perceber uma falta de senso crítico em relação a linguagem formal e informal, não se tinha nenhum entendimento sobre o assunto, mas havia uma certa curiosidade dos alunos sobre essa temática.

Nesse sentido, há um ponto relevante a observar que é a variação linguística onde acaba destruindo o aluno naquilo que ainda não sabe, a variação é do uso de domínio do alunado e a escola, especificamente, o professor precisa dominar todas as variações de registros ou ocorrências no âmbito da sala de aula. Os alunos precisam estar inseridos num contexto de linguagem, convivendo e tendo noção das diferentes formas de linguagem. O professor deve ter bem definido quais as

variações linguísticas que pretende trabalhar com sua turma antes de dar início a esta sequência.

A fala contribui para a concepção do ser humano, por ser um fator de identidade social e individual, e é por meio dela que os indivíduos podem expressar seus sentimentos, emoções e frustrações. Através da análise da oralidade e da escrita pode-se contribuir para a formação do cidadão chegando a um conceito do homem como um ser social (MARCUSKI, 2005, p. 26).

Chomsky (1976) nos indica a possibilidade de uma abordagem não técnica da linguagem, um recinto, por assim dizer, onde podemos encontrar uma série de questões não triviais, referentes à linguagem, porém, de maneira não técnica, como temos na ciência linguística.

Desta forma, o objetivo geral do trabalho é posicionar um entendimento entre essas duas linguagens: formal e informal e com base nisto obter expectativas no conhecimento linguístico dos alunos.

Os objetivos específicos são os seguintes:

- * Apresentar questões e índices referentes a variação linguística geral dos alunos.

- * Relacionar o grau do conhecimento dos alunos, observando seu senso comum e crítico em relação a linguagem formal e informal.

- * Refletir e orientar a discrepância entre as linguagens, nos discentes em alguns métodos que visam aprimorar o aprendizado nas escolas durante os anos finais do Ensino Fundamental, chegando com um aprendizado maior no Ensino Médio.

O presente trabalho se justifica por ainda traçar meios de variações linguísticas intrínsecas no âmbito de sala de aula e os alunos ainda desconhecer essas nomenclaturas.

O método de trabalho é de revisão de bibliografia e observações em sala de aula durante o Estágio Supervisionado em sala de aula no 4º período de Letras – Português.

2. Português padrão e a escrita do português usado na internet

Segundo o professor Barros (s/d) é preciso definir o contexto histórico de um autor e saber qual é a influência dele para o adequação, iminência e contextualização de seu trabalho na sala de aula por um determinado professor. A influência da internet na sala de aula, de língua portuguesa ou de qualquer outra disciplina, existe e é inevitável. O mais importante dessa questão é como os educadores lidam com essa influência, essa linguagem é válida para comunicação instantânea e espontânea, seja para bater papo na internet, enviar mensagens (sms) pelo celular ou até para escrever um bilhete informal para um amigo ou parente. O propósito comunicativo é perfeitamente atingido nessas situações de comunicação usando-se essa linguagem.

Dado o depoimento do professor acima e notável o fato de haver uma preocupação em relação ao meio virtual que esses alunos vivem. Por isso tem que solucionar medidas mostrando que cada modalidade da língua vai servir para uma situação comunicativa. A modalidade culta, ou padrão, aquela que encontramos nas gramáticas e que estudamos na escola, deve ser usado em textos formais escritos (leis, documentos, redações escolares, reportagens jornalísticas, por exemplo). E em comunicações orais formais (palestras, discursos, entrevistas, por exemplo).

A variedade coloquial é a usada no nosso dia a dia, sem muito apego às regras gramaticais, em situações descontraídas, nas conversas com pessoas próximas e nas comunicações escritas informais. Já o chamado "internetês" radicaliza o coloquialismo ao fazer uso de uma modalidade codificada, cheia de abreviações, gírias e termos e expressões surgidos e/ou propagados no universo da internet.

Dessa forma, as escolas devem ser estudadas as situações em que essa linguagem pode ser usada. Já nas faculdades e nas universidades, pressupõe-se que os alunos já cheguem tendo a noção de que nos trabalhos e nas apresentações devem fazer uso da língua padrão.

Neste certame, segundo Amaral encontram-se que:

os adolescentes que são uma parte da sociedade que está mais familiarizada com essa realidade, já que nascem inseridos nessa conjuntura, diferentes de seus pais e professores que sentem certo

receio, e muitas vezes, dificuldades em adaptar-se ao novo. A dúvida é como os adolescentes comportam-se diante dessa realidade, pois estão em fase de amadurecimento, conflitos, decisões, e não, estão, maduros o suficiente para ter um olhar crítico diante de determinadas situações e percebemos que eles pertencem a uma espécie de “tribo”, ao ponto de terem sua linguagem própria, pois “a linguagem adotada no mundo virtual requer habilidades de escrita rápida para esta geração *net*, o que cria uma solução intermediária de comunicação, provocando muita preocupação aos estudiosos” (AMARAL, 2003, p. 31).

A partir do pensamento do autor, ele aponta um lado crítico sobre a linguagem virtual, que praticamente se assemelha a informal por ocorrer um desleixamento na hora de escrever, não há uma preocupação até porque a própria palavra já te diz o que ela pede, “informal”, ou seja, uma informalidade. O ponto de partida está no que se tem de estabelecer, que é saber a hora certa de usar ou não a forma padrão.

Sabe-se que em alguns sítios encontramos comumente os *emoticons*, que, segundo Freire (2003, p.27) “surgiram por volta de 1980 para expressar os sentimentos daquele que escreve: alegria, raiva, dúvida, etc. Há páginas na internet com verdadeiros glossários desses símbolos, indicando que essa terminologia está em franca evolução”. Eles são desenhos coloridos e corriqueiros nos diálogos em salas de bate-papo, de tal modo como em mensagens enviadas por correio eletrônico. No entanto, alguns sítios não disponibilizam essas figuras em forma de desenho, mas para quem participa dessa “conversa” virtual, isso não é empecilho, já que descrevem também com os *caracteres*, que são alegorias designadas pelos emissores para constituir esclarecimentos que simulam lástimas, como destaca Pereira e Moura (2005, p. 76), os internautas

utilizam também as teclas, como: os parênteses, os dois pontos, o ponto e vírgula, os colchetes, o zero, os sinais de ‘maior’ e ‘menor’ etc, que conjugados (formam expressões de alegria, tristeza, abraços, beijos, sono, entre outras) são utilizados, pelos interlocutores, com o objetivo de representar, durante a dinâmica do diálogo que se trava, as manifestações discursivas que ocorrem normalmente numa situação de conversa oral face a face.

O que o autor diz ser importante, o fato dos adolescentes estarem sempre conectados aplica na ocorrência de uma escrita informal, acaba sendo algo rotineiro no dia-a-dia e a linguagem formal fica fraca se tornando em desuso, precisa-se trabalhar nessa ideia, pois isto está deixando de ser algo diferente e está se tornando comum a todos, inclusive os jovens e adolescentes que está presente na sala de aula.

2.1 A teoria da linguagem

A gramática natural da língua é uma gramática da fala. Um sistema de regras para a comunicação oral. Outra das confusões, muito expandida mesmo entre pessoas no mais bastante informadas, é essa de que a gramática é coisa para a escrita, “regras para escrever corretamente”. Nunca é demais repetir: a verdadeira linguagem é a fala. A escrita é sinalização secundária, posterior, e pode nem ocorrer, como é o caso dos povos ágrafos e dos indivíduos analfabetos (LUFT, 2008, p. 39). Segundo Coroa (2004, p.08), a linguagem acaba sendo o centro e a razão de tudo; é nela e por ela que construímos nossa interação e nossos textos. “É pela linguagem que nos tornamos humano!” É ela, portanto, que possibilita a interação dos seres, podendo ser verbal e não verbal.

Conforme Saussure (2002, p. 16), as modalidades da língua oral e escrita. Ainda que pertença ao mesmo sistema, ambas são apenas parcialmente semelhantes. Basta cada indivíduo analisar o próprio uso da linguagem e observar que a língua escrita não dispõe dos recursos contextuais, como expressões faciais, gestos, entonação, que enriquecem a oral. Ao escrever, precisam-se seguir mais rigorosamente as exigências da língua padrão, porque o interlocutor está distante e é necessário garantir sua compreensão. Desse modo, a escrita não é a simples transcrição da fala. Tem características e próprias e exigências diferentes. Como ilustra o texto de Soares a seguir:

Pois é. U português é muinto fáciu di aprender, purqui é uma língua qui a genti iscrevi ixatamente cumu si fala. Num é comu o inglês qui dá até vontadidi ri quandu a genti discobricomu é que si iscrevi algumas palavras. Im português não. É só prestatenção. U alemão pur exemplu. Qué coisa mais doida? Num bate nada cum nada. Até nu espanhol qui é parecidu, se iscrevi muito diferenti. Qui bom qui a minha língua é o português. Quem soubé falá sabi iscrevê (SOARES⁴, 2017, p. 01).

No texto acima Soares se diverte com a diferença entre o português falado e o escrito. Na língua escrita requer mais cuidado com as regras gramaticais

⁴ SOARES, JÓ. Língua Falada x língua escrita. Disponível em: <https://decifrandoalingua.wordpress.com/2013/02/27/lingua-falada-x-lingua-escrita/>. Acesso: 16/03/2017, às 08:11.

normativas, já na linguagem escrita, a interação é mais complexa, o que torna necessário o uso de elementos que assegurem ao texto condições de se comunicar.

Compreendendo a linguagem escrita dessa forma, Vygotsky (1987) reconhece o papel importante da escola no acesso ao conhecimento científico construído e acumulado pela humanidade, além da formação dos conceitos cotidianos, em geral e dos científicos, em particular. Ao interagir com esse conhecimento, o ser humano se modifica possibilitando novas formas de pensamento, de inserção e atuação em seu meio.

Na medida em que a escola concebe o ensino da língua como simples sistema de normas ou conjunto de regras gramaticais ela está visando a produção correta do enunciado comunicativo culto, lança mão de uma linguagem como máscara de um pensamento que é preciso ser moldada. Por isso, na escola, os alunos não escrevem livremente, fazem redações, segundo determinados moldes; por isso não leem livremente, mas resumem, ficham, classificam personagens, rotulam obras e buscam fixar a sua riqueza numa mensagem definida (GERALDI, 2005, p. 24).

O mesmo autor advoga que se as escolas não mudarem, não tomar partido e iniciativa num processo diferente e de sucesso, com toda certeza esses alunos não terá rendimento. E sim, um caimento no que se diz respeito, a leitura, a escrita, a linguagem padrão e de uma forma geral o português brasileiro (PB).

2.1.1 O português culto em contraposição ao português “popular brasileiro”

Em meados do século XIX, que se inicia e implementa a preocupação do estabelecimento de um padrão linguístico de tradição lusitanizante no Brasil, com o desenvolvimento dos estudos e das gramáticas prescritivo-normativas, tradição que ainda persiste. Esse português-padrão prescritivo-normativo, idealizado pelos gramáticos, continua, contudo pairante, pelo menos no ideário e em expectativas de segmentos da sociedade brasileira que, numa atitude anacrônica, mesmo reacionária e preconceituosa, ainda labuta contra a maré.

E afirma avaliativamente, como o fez, por exemplo, no ano passado (1997), o Presidente da Academia de Letras, em *Entrevista* logo depois da Copa do Mundo, ao Seminário *Isto É* (1504, 29.7.1998), que ao ser perguntado pelo entrevistador sobre o uso do português, no Brasil, afirmava:

Erra-se em tudo; concordância, regência, pontuação. Nunca vivemos um tempo tão penoso para a língua de Machado de Assis. A Copa do Mundo foi um festival de gols, mas os erros de português [refere-se aos comentários da TV] ganharam de goleada.

Segundo o letrado, o português brasileiro nunca sofreu com o uso inadequado da língua vernácula. E a língua tão clássica de Assis sofre conturbação como nunca em toda a história do Brasil.

Esse tipo de avaliação está muito bem expresso numa passagem do livro de Faraco e Tezza (1992, s/p.):

Entretanto, se todos concordam com a existência e as vantagens da língua-padrão, pouca gente – se é que há alguém – será capaz de descreve - lá rigorosamente. Pode-se dizer que aquilo que se chama “língua padrão” é um peixe ensaboadado! E tanto mais difícil será definir, quanto mais transformações sociais, políticas e econômicas se passam em certo espaço de tempo em sociedade, como é o caso do Brasil. De tal modo que um gramático conservador, munido de compêndios, que passasse um mês diante de noticiários de televisão ou lendo jornais e revista acabaria por declarar, desesperado, que ninguém sabe falar e escrever no país.

Nesse certame, como bem afirmam Faraco e Tezza (1992, s/p.) “transformações sociais, políticas, e econômicas se passam em curto espaço de tempo em uma sociedade como a brasileira”, conseqüentemente, se refletem elas em nossa língua oficial e majoritária, os tempos mudam, mudam-se os usos linguísticos.

Kato (1996, p. 101), em seu trabalho – *Português brasileiro falado: aquisição em contexto de mudança lingüística* (1996), em que diz:

A consciência dessas mudanças sintáticas sistemáticas... É necessária para entender por que os estudantes escrevem como escrevem e por que a língua dos textos escolares, para camadas que vem de países iletrados, pode parecer tão estranha... O Brasil apresenta assim um caso extremo de “diglossia” entre a fala do aluno que entra na escola e o padrão de escrita que ele deve adquirir (p. 20).

De acordo com Virginia (2007) a conclusão lógica decorrente desse quadro sócio-histórico, que não é pessimista e sim realista, é a de que cada vez mais se esvai a possibilidade da transmissão do português prescritivo e cada mais avança o português popular, tanto pela população estudantil que felizmente cresce, como a do professorado, que, independente de suas escolhas, sofre as consequências dos problemas de política social do país.

Portanto optou-se como metodologia para este estudo basicamente o levantamento de informações colhidas e por amostragem, com perguntas orais, conversas, textos e observação. Os dados foram colhidos de alunos com uma faixa etária entre 14 a 15 anos, que cursam o 9º ano do Ensino Fundamental de uma Escola Estadual X de Unaí, Minas Gerais. Da leitura dos relatórios envolvidos diretamente neste projeto, pôde-se extrair um fator comum que parece direcionar o ensino: a uma padronização do aluno sob os mais diversos ângulos, no plano pedagógico diário, enfatiza-se o uso do livro didático, onde o professor se apóia, apenas emprestando sua voz a um discurso alheio, o aluno acaba sendo obrigado a consumir informações distantes de sua realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo presente estudo, registrou-se que a linguagem formal e a linguagem informal são essenciais não só na disciplina de língua portuguesa, como em redações, leituras orais, produções textuais, mas também no cotidiano do aluno nas relações sociais face a face.

A escola como sendo uma instituição que forma cidadãos necessita ajustar-se com as exigências da sociedade, a fim de preparar seus alunos para lhe darem com diferentes situações comunicativas, confirmando o que diz o Parâmetro Curricular Nacional de Língua Portuguesa. Uma das funções da escola é através do ensino da língua portuguesa, oferecer condições de dominar a norma-padrão, afim de que, nas circunstâncias sociais convenientes, seja falando, seja escrevendo, você possa utilizá-la adequadamente.

A linguagem é a capacidade que o homem tem de interagir com o seu semelhante por meio da palavra, oral ou escrita, gestos, expressões fisionômicas, imagens, notas musicais. O uso da linguagem sempre objetivará a produção de sentido. Para isso, o processo de adequação linguística é fundamental.

Assim, durante os estudos notou-se a necessidade de a escola trabalhar atividades que enfoquem a linguagem formal e informal dentro de situações concretas, reais para que o estudo de língua portuguesa. Essa vertente abre e torne-se expressivo para os alunos quando eles se encontrarem em situações reais de uso da língua. Dessa forma, é necessário que o professor ao trabalhar as formas de linguagem, faça com que o aluno perceba sua função social, conseguindo usar a linguagem de acordo o seu papel social ou a escrita de algum gênero textual de acordo com as suas necessidades de comunicação escrita.

Sabemos que o “certo” e o “errado” em matéria de uso linguístico, no âmbito de uma comunidade que tem uma mesma língua histórica, sempre mais ou menos heterogênea, estão condicionados a vivência e a experiência linguística. Sabemos também que há uma expectativa em segmentos da sociedade de que certos usos devem ser corrigidos, até mesmo extirpados, sabemos ainda que instâncias institucionais da sociedade exigem, por exemplo, seleções, concursos, vestibulares e em determinados usos (SALVADOR, 1999).

Contudo, é importante ressaltar que nesse estudo a grande motivação é a possibilidade de percorrer outros rumos na continuação de novas pesquisas, que validarão um contato mais positivo com a língua portuguesa em si, delineando o aluno a ser sujeito de seu próprio discurso em seu âmbito social, cumprindo com o proposto referendado na pesquisa.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Sérgio Ferreira. **Internet: novos valores e novos comportamentos**. In: SILVA, Ezequiel Theodoro (Coord.). *A Leitura nos Oceanos da Internet*. São Paulo: Cortez, 2003.

AZEVEDO, José Carlos de. **Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino**. 4 Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. 10 ed. São Paulo: Spicione, 2005.

CHIAPPINI, Ligia. **Aprender e Ensinar com textos de alunos**. 4 ed. – São Paulo: Cortez, 2001.

CHOMSKY, Noam. **Linguagem e responsabilidade**. São Paulo: JSN, 2007.

FARACO, C. A. & TEZZA, C. **Prática de texto**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 1992.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. 3º Ed. São Paulo: Ática, 2005.

GERALDI, W. **Portos de passagem**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1991.

LUFT, Celso Pedro. **Língua e liberdade**. 8 ed. São Paulo: Ática, 2008.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. 22. Ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e intenção: Uma proposta para o Ensino de Gramática no 1º e 2º Graus**. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

VYGOTSKY, L. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.